



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

EDILANE BATISTA FERREIRA

**OS ENTREMEIOS DO TEMPO E DA MEMÓRIA NA NARRATIVA
FRAGMENTADA DE *A JANGADA DE PEDRA*, DE JOSÉ SARAMAGO**

GUARABIRA – PB
2016

EDILANE BATISTA FERREIRA

**OS ENTREMEIOS DO TEMPO E DA MEMÓRIA NA NARRATIVA
FRAGMENTADA DE *A JANGADA DE PEDRA*, DE JOSÉ SARAMAGO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva.

GUARABIRA – PB
2016

F383e Ferreira, Edilane Batista
Os entremeios do tempo e da memória na narrativa fragmentada de a Jangada de Pedra, de José Saramago [manuscrito] / Edilane Batista Ferreira. - 2016.
35 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2016.

"Orientação: Rosângela Neres Araújo da Silva, Departamento de letras".

"Colaboração: Rosângela neres Araújo da silva".

1. José Saramago. 2. A jangada de pedra. 3. Literatura Portuguesa. I. Título.

21. ed. CDD 869.09

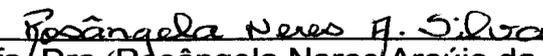
EDILANE BATISTA FERREIRA

**OS ENTREMEIOS DO TEMPO E DA MEMÓRIA NA NARRATIVA
FRAGMENTADA DE A JANGADA DE PEDRA, DE JOSÉ SARAMAGO**

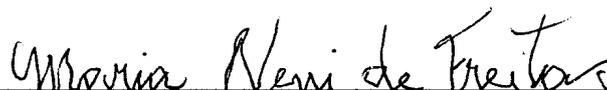
Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de licenciada em Letras.

Aprovado em 20 de maio de 2016.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva
Orientadora - UEPB



Profa. Dra. Maria Neni de Freitas
Examinadora - UEPB



Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes
Examinador - UFPB

Dedico esta monografia a Deus, que nos criou e foi criativo nesta tarefa. À minha orientadora e mestra-doutora, Rosângela Neres Araújo da Silva. E a meus pais, Marilene Batista da Silva e José Alexandre Ferreira (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

À minha família, por acreditar em mim.

A universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela em que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

A minha orientadora, Rosângela Neres Araújo da Silva, pelo suporte no tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Aos meus pais, avós, tios e irmãos, pelo amor, incentivo e apoio incondicionais.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação,
o meu muito obrigada.

*Ainda há quem não acredite em
coincidências, quando coincidências é o
que mais se encontra e prepara no
mundo, se não são as coincidências a
própria lógica do mundo.*

José Saramago

RESUMO

“A Jangada de Pedra” (1986), de José Saramago, narra a história de cinco personagens que indiretamente contribuem para o deslocamento da Península Ibérica do restante do continente europeu. Esse acontecimento desencadeia uma série de estruturas temporais diferenciadas que se entremeiam, construindo experiências particulares no interior da narrativa e acrescentando um aspecto composicional distintivo ao tratamento do tempo. Assim, o objetivo deste trabalho é a análise do tempo no referido romance, a fim de caracterizar a intersecção existente entre suas esferas e a condução temática que elas permitem. A metodologia utilizada parte da leitura crítica do romance, do mapeamento das estruturas temporais e sua caracterização (cronológica, histórica ou psicológica). A fundamentação teórica baseia-se nos estudos realizados pelos autores Amorim (2011), Mendilow (1972), Nunes (1992, 2003), Candido (2014), Hall (2015), dentre outros, que se articulam com os dados encontrados nesta análise e ao resultado alcançado neste trabalho.

Palavras-chave: José Saramago. A Jangada de Pedra. Tempo e memória.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O TEMPO NA FICÇÃO MODERNA E CONTEMPORÂNEA	12
3 JOSÉ SARAMAGO E A JANGADA DE PEDRA	16
3.1 Vida e contexto literário	16
3.2 À bordo da Jangada	18
4 A JANGADA DE PEDRA: O TEMPO ENTREMEADO NA REVALORIZAÇÃO DA CULTURA E DA IDENTIDADE PORTUGUESA	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

A literatura concentra em seu âmago, a possibilidade de ampliar a percepção e compreensão, pelo ser humano, das mais profundas questões inerentes à vida social e moderna. Isso se torna possível a partir do momento em que tais questões são problematizadas e desentranhadas por meio da transfiguração realizada pelo trabalho artístico, seja ele literário ou não. Desse modo, a estreita relação entre ficção, nação e história não os fatos em si, fazem parte da gama dos nós mais apertados da sociedade. De acordo com Antonio Candido:

A delimitação do campo da beletrística pelo caráter ficcional ou imaginário tem a vantagem de basear-se em momentos de “lógica literária” que, na maioria dos casos, podem ser verificados com certo rigor, sem que seja necessário recorrer a valorizações estéticas (2014, p. 12).

Este ponto concerne ao fazer artístico produzido no mundo modernizado e capitalista no qual estamos inseridos, contexto responsável pela principal contradição da literatura: ao mesmo tempo em que há a impossibilidade de separação entre arte e a realidade que a originou, a primeira não pode ser considerada alheia à segunda, como se fosse uma fonte de independência e redenção.

Portanto, o fazer literário só se torna capaz de lutar contra a coisificação do mundo quando se conscientiza da sua própria condição e assume-se como reificada; a partir disso, ela torna-se apta a dar a ver os dilemas intrínsecos à realidade, tensões muitas vezes negadas aos nossos olhos, atrelando-nos a uma falsa liberdade. É necessária a compreensão do trabalho artístico como algo repleto de carga histórica, no qual se encontram inseridas todas as questões e contradições provenientes da sociedade capitalista e reificada em que vivemos.

No entanto, a literatura adquire um novo contorno quando é localizada em sociedades de grande componente histórico e sociocultural. Assim, a literatura de Portugal e do Brasil, por exemplo, exhibe toda uma maneira própria de formação e desenvolvimento. Stuart Hall defende que:

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (2015, p. 31).

No que confere às obras saramaguianas frequentemente estudadas e postas em discussão por inúmeros críticos, esquece-se, em muitos momentos, de narrativas importantes que dialogam com um contexto social contemporâneo muito conhecido nosso, como é o caso de “Ensaio Sobre a Cegueira”, “O Evangelho Segundo Jesus Cristo”, “A Caverna”, “O Ano da Morte de Ricardo Reis”, “História do Cerco de Lisboa”, etc. Foi este refletir sobre a obra de cunho sociocultural de José Saramago o que norteou a escolha de “A jangada de pedra” para esta pesquisa.

A proposta de desenvolver a referida pesquisa, a fim de observar a construção sociocultural ibérica através dos entremeios do tempo e da memória em “A jangada de pedra”, surgiu através do convite feito pela professora Rosângela Neres para participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), com objetivo de desenvolver uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico-analítico, em torno das categorias mencionadas. A pesquisa durou 12 meses e seus resultados foram disponibilizados com a comunidade acadêmica através dos relatórios de pesquisa e apresentação do trabalho no Encontro de Iniciação Científica, realizado em dezembro de 2015.

Para o TCC, decidimos ampliar os horizontes da análise e observar mais de perto as características socioculturais construídas pela oscilação do tempo e da memória, na obra em questão. Como sabemos, o tempo e a memória são elementos fundamentais na construção sociocultural de uma sociedade, além de fortalecerem a compreensão sobre as bases identitárias assumidas por essa sociedade.

Saramago evidencia, em várias de suas obras, as determinações sociais, políticas, culturais, religiosas e ideológicas na formação histórica de Portugal, com o intuito de contribuir para um novo olhar sobre o povo lusitano. Tal olhar possibilita uma reavaliação da identidade nacional portuguesa e da história do país, na medida em que sua literatura oferece uma nova leitura do passado,

capaz de suscitar no leitor reflexões acerca do discurso historiográfico e da realidade da sociedade de Portugal.

Segundo Lopes (2010, p. 219) “A pós-modernidade do fragmento, da pluralidade e da indeterminação esvai-se em uma proposta de “resumo” ficcional dotado de visão de mundo globalizante”. Por isso, a resignificação do povo, de sua cultura e história é tão importante para José Saramago. Seu ponto de vista, ao invés de validar o passado, questiona-o, remodelando os fatos históricos. Assim em suas obras, a historiografia não serve apenas como ficção; mais do que isso, os acontecimentos históricos utilizados são problematizados ao longo do enredo, levando o leitor a refletir a respeito da história e seus efeitos no presente.

Portanto, o objetivo do presente estudo é mostrar como José Saramago trabalha a construção sociocultural em “A jangada de pedra”, empregando a literatura fantástica, os entremeios das esferas temporais e a memória dos personagens protagonistas para relacionar a história à ficção. Nossa justificativa consiste na conscientização da relação que o tempo e a memória estabelecem, como princípios relevantes na construção sociocultural do povo português e sua resignificação identitária na obra ficcional.

Desse modo, nosso embasamento teórico leva em consideração os estudos sobre as categorias narrativas em análise e sobre a abordagem sociocultural, sobretudo dos autores Nunes (1992 e 2003), Gancho (2006), Rosenfeld (2008), Ricoeur (2010), Amorim (2011), Candido (2014), Hall (2015), dentre outros.

Assim, na primeira parte do trabalho, mostramos as definições e configurações do tempo na ficção moderna e sua importância no contexto literário; na segunda parte, abordamos um pouco da obra de José Saramago e sua relevância no contexto literário contemporâneo; e por fim, explicitamos os pontos principais de nossa análise sobre os entremeios do tempo e da memória que desenvolvem os aspectos socioculturais em “A jangada de pedra”, como expectativa de resignificação da identidade portuguesa.

2 O TEMPO NA FICÇÃO MODERNA E CONTEMPORÂNEA

O surgimento do romance, no século XVIII, promoveu uma atenção maior para as unidades de tempo e espaço, buscando inovações na representação dessas categorias na ficção. O tempo dissociou-se do espaço da narrativa e passou a condicionar a técnica do romance, afetando aspectos importantes no interior de uma obra, tais como o tema, a forma e a linguagem.

Mendilow acrescenta dois motivos para a ficção dos dois últimos séculos ter-se voltado para a categoria temporal. O primeiro verifica que a ficção, “como uma arte temática ou de representação, responde de modo muito sensível às pressões da época” (1972, p. 35), modificando o modo de espelhar e interpretar comportamentos e pensamentos dessa época. O segundo relaciona-se ao fato de os grandes autores estarem preocupados com os princípios de análise literária estrutural e com os elementos de composição.

De acordo com Nunes, “A narrativa abre-nos, a partir do tempo que toca a realidade, outro tempo que dela se desprende. Assim é forçoso concluir que ela abrange dois tempos em vez de um só” (NUNES, 2003, p.15). Desta maneira, o texto narrativo segue uma sucessão de ordem temporal conforme os fatos e que são condicionados pelos personagens, por isso o conceito de tempo é diversificado, quando estamos diante de um romance histórico em segmento contemporâneo, por exemplo.¹

Assim, a ampliação da concepção de tempo ocorreu na literatura do século XX. Originaram-se as obras atemporais e de fluxo da consciência¹, e a ficção moderna assumiu a quebra da linearidade narrativa. De acordo com Nunes (2003, p. 18-23), tornou-se comum delimitar o tempo na ficção como: físico, histórico, psicológico, cronológico e linguístico.

O tempo físico é definido como uma “experiência do movimento exterior das coisas” (NUNES, 2003, p. 18), um dado mensurável, por ser quantitativo e absoluto. O tempo histórico abrange “o tempo de duração das formas históricas

¹ O conceito de “fluxo de consciência” foi cunhado por William James e se referia ao turbilhão de pensamentos na mente consciente, isto é, toda a gama de impressões, sensações, raciocínios que se desenrolam em nível superficial.

de vida” (NUNES, 2003, p. 21). É qualitativo e enumerado pela duração de eventos e de acontecimentos. Este difere, portanto, do tempo físico por estar subjugado aos padrões culturais e atado ao conceito de “consciência histórica”.

Enquanto os calendários trabalham com constantes e medidas exatas e proporcionais de tempo, a organização feita pela ciência histórica leva em consideração os eventos de curta e longa duração. Dessa forma, o historiador se utiliza das formas de se organizar a sociedade para dizer que um determinado tempo se diferencia do outro, como afirma Nunes:

Os intervalos curtos do tempo histórico se ajustam a acontecimentos singulares: guerras, revoluções, migrações, movimentos religiosos, sucessos políticos. Os intervalos longos correspondem a uma rede complexa de fatos ou a um processo (formação da cidade grega, desenvolvimento do feudalismo, advento do capitalismo, por exemplo). (NUNES, 2003, p.21)

O tempo cronológico é o espaço em que os acontecimentos se desenrolam e os personagens realizam suas ações. É o contado no relógio como horas, dias, anos, numa ordem linear e delimitada, uma sequência em sentido horário. A sequenciação dos acontecimentos sugere ainda que toda humanidade seguiu ou deveria seguir o mesmo percurso, criando assim a ideia de povos “atrasados” e “civilizados”, ainda limitando as ações humanas a uma ordem evolutiva, representando o tempo presente como um estágio mais avançado da história da humanidade.

Formando uma sequência sem lacuna, contínua e infinita, percorrida tanto para frente, na direção do futuro, quanto para trás na direção do passado, a sua armação fixa e permanente abriga expressões temporais específicas e autônomas da cultura, que lhe interrompem, periodicamente, a vigência geral. (NUNES, 2003, p.20)

Essa contagem determinada é o que distingue o tempo físico do psicológico e que, conseqüentemente, serve de base para o tempo histórico principalmente usado na construção da narrativa. É importante considerar também as expressões agregadas a temporalidade cronológica, como o tempo litúrgico, referente aos acontecimentos religiosos e os ritos realizados na cultura do cristianismo. Outra expressão específica é o chamado tempo político,

relacionado aos eventos cívicos, repetitivos, de natureza social e que ao ser celebrado pelas pessoas provoca avaliação do passado ou cria expectativas para o futuro, sendo por isso dependente do tempo histórico que também se associa ao cronológico baseado nos calendários.

O tempo psicológico, por sua vez, caracteriza “a experiência de sucessão dos nossos estados internos” (NUNES, 2003, p. 19). Opõe-se notadamente ao tempo cronológico, pois essa forma temporal ignora as marcações do relógio. Afinal, é um tempo regido pelas ideias, sensações e vivências de cada personagem, não sendo material e nem mensurável. Ele flui na mente das personagens, transmitindo ao leitor a sensação experimentada durante sua ocorrência: a personagem pode ter passado por situações que pareceram extremamente longas, mas que, na realidade, duraram apenas alguns minutos.

O primeiro traço do tempo psicológico é a sua permanente descoincidência com as medidas temporais objetivas. Uma hora pode parecer-nos tão curta quanto um minuto se vivemos intensamente; um minuto pode parecer-nos tão longo quanto uma hora se nos entediamos. (NUNES, 2003, p. 18)

De acordo com Gancho (2006, p. 21) “É o nome que se dá ao tempo que transcorre numa ordem determinada pelo desejo ou imaginação do narrador ou dos personagens, isto é, altera a ordem natural dos acontecimentos”. Por essas características, é um tempo subjetivo, vivido ou sentido pela personagem, composto de devaneios e memórias que podem ir ao passado e ao futuro, sem obedecer à ordem do tempo cronológico.

O recurso mais comum é intercalar sequencias correspondentes ao momento narrado, sem quebra da continuidade do discurso, que evoca ou antecipa acontecimentos, de modo a deslocar a mesma ação ora para o passado ora para o futuro. (NUNES, 2003, p.32)

Por fim, o tempo linguístico está relacionado a instância da enunciação, relacionando-se com o ponto de vista da narrativa. Nunes (2003, p.22) o define como “tempo do discurso, que não se reduz às divisões do tempo cronológico, revela a condição intersubjetiva da comunicação linguística”. Logo, é importante

observar se narrador é onisciente, de terceira ou de primeira pessoa, intruso ou não, porque cada um desses pontos de vista equivale a tempos diferentes.

À luz de uma concepção de linguagem como atividade que se produz no ato da enunciação, o tempo linguístico se constitui, em termos externos, num dos pontos norteadores do indivíduo em relação ao universo circundante, e no nível interno, ou seja, relacionado à sua ação no interior da instância enunciativa, que envolve uma narração.

Nunes (2003, p. 22) explica que “o tempo linguístico, tempo do discurso, que não se reduz às divisões do tempo cronológico, revela a condição intersubjetiva da comunicação linguística”. Desse modo, as categorias de pessoa e de tempo se constituem como modalidades elementares, independentes de toda determinação cultural e, através delas, pode-se visualizar a experiência subjetiva dos sujeitos que se colocam e se situam pela linguagem.

O discurso nos dá a configuração da narrativa como um todo significativo; a história, o aspecto episódico dos acontecimentos e suas relações, juntamente com os motivos que os concatenam, ambos impondo à narrativa um limiar de inteligibilidade cronológica e lógica. (NUNES, 2003, p. 28)

Nesse sentido, percebemos que em articulação com outras categorias internas do romance de ficção (enredo, narrador, espaço, personagens), o tempo molda os novos rumos da narrativa. Ricoeur (2010, p. 175) denomina a ficção moderna como “fábulas sobre o tempo”, perpetuando uma experiência narrativa mais intensa e uma relação mais intrínseca entre tais categorias.

Na contemporaneidade, a experiência do tempo representa um pouco mais do que isso; constitui a própria natureza humana. Assim, percebemos que o tempo não se apresenta apenas como fenômeno; confere sim um valor estrutural crítico-analítico, condicionador da construção das unidades temáticas que norteiam e particularizam a obra literária.

No capítulo a seguir, mostramos de que modo o tempo é construído em “A jangada de pedra”, de José Saramago.

3 JOSÉ SARAMAGO E A JANGADA DE PEDRA

3.1 Vida e contexto literário

Filho de camponeses, José de Souza Saramago nasceu em 1922, na aldeia da Azinhaga, conselho Ribatejano da Golegã. Após seu primeiro emprego como serralheiro mecânico, exerceu diversas profissões: desenhador, funcionário da saúde e da previdência social, tradutor, editor e jornalista. Com o tempo difícil e por razões econômicas, sua família resolveu emigrar para Lisboa, visando melhores condições de vida. Entretanto, essa mudança acarretou a morte precoce e trágica do seu único irmão.

Saramago iniciou na carreira literária publicando poesias, crônicas, peças teatrais, romances e contos. Publicou o seu primeiro livro, um romance, *Terra do Pecado*, em 1947, tendo estado depois largo tempo sem publicar (até 1966).

A partir de algumas crônicas escritas para os “Cadernos de Lanzarote” e “As pequenas memórias”, nos quais acrescentava passagens da sua infância e adolescência, assim como o tempo vivido na escola e suas leituras, dedicou-se à observação atenta de experiências vivenciadas no seu cotidiano e no meio social, que mais tarde serviriam de inspiração para realização das suas produções. Segundo Lopes (2010, p.20), “O avô Jerônimo e a avó Josefa. Os pais. O irmão falecido em tenra idade. Os outros avós e tios. Sobre todos, Saramago deixaria algo escrito”.

Lisboa e Azinhaga foram os lugares que marcaram a memória do autor e que, em suas visitas ao teatro, passagens pelo cinema e temporadas em sua aldeia natal com seu avô e avó, na vida simples do campo, bem como todos seus familiares tudo isso, deixariam vestígios significativos que se refletiriam na sua escrita literária.

“Os poemas possíveis” e “Provavelmente alegria” mostram a evolução poética do autor frente as tendências contemporâneas. Com a publicação da obra “Levantando do chão”, em 1980, em que se percebe como um romancista original, de uma escrita inovadora e um estilo oralizante, investe com mais afinco no gênero romanesco, o que o coloca no patamar dos maiores nomes da literatura portuguesa e contemporânea.

Com um estilo prosaico próprio, Saramago conquistou em 1995 o Prêmio Camões, a mais importante distinção dada a um escritor de língua portuguesa. Em 1998, foi agraciado com o Prêmio Nobel de literatura. A principal característica que impulsionou Saramago no panorama literário foi justamente sua forma de escrita inovadora:

[...] bem mais do que o conteúdo da narrativa ou o entremeio de fatos históricos reais, foi a forma de contar que marcou a diferença de Saramago no Panorama literário nacional. O narrador oralizava como se estivesse de viva voz em uma roda de companheiros; desrespeitava ostensivamente as regras sintáticas e a pontuação; espalhava-se em longuíssimos períodos sem pontos finais em que barrocamente comentava, intercalava e repetia situações, falas e personagens. Enfim, nascia o “estilo saramaguiano”. (LOPES, 2010, p.96)

Entre 1984 e 1989, o escritor publicou três romances: “O ano da morte de Ricardo Reis”, “A jangada de pedra” e “História do cerco de Lisboa”. O escritor caracterizou o romance “A jangada de pedra” como uma proposta metafórica para a criação de uma ponte entre o norte e o sul, sem nenhuma relação entre esse corpo social. A narrativa é uma formulação poética que dá continuidade aos traços da escrita como oralidade, da representação realista aberta ao maravilhoso e do narrador intrometido em períodos repletos de curvas barrocas.

Para compor suas narrativas, serve-se de uma grande força lírica e habilidade descritiva. Em sua temática, encontramos um importante investimento no papel da arte como forma de construção do conhecimento possível do mundo. Saramago consegue criar uma cumplicidade profunda com o leitor, assumindo-se claramente, como narrador, no papel onisciente de acompanhar seus personagens. Segundo Lopes (2010, p. 56), as marcas da oralidade introduzidas através do discurso direto representam o tom de desengano e ironia que levam à moralização, ao fragmentário, e a que está associada à preocupação com a construção positiva do homem e do futuro.

Ainda que não possamos vê-la como engajada, a literatura de José Saramago mostra a relação do escritor com sua ideologia e a ambiguidade de seu discurso pode ser considerada como marca de sua própria utopia, no sentido de tentar uma expressão de totalidade.

3.2 À bordo da Jangada

As investidas poéticas na prosa de José Saramago nos garantiram a publicação de “A jangada de pedra”, em 1986. Apesar de estar permeada pelo já conhecido e consagrado estilo saramaguiano de escrita, o trabalho minucioso com o tempo, a inclusão de traços da literatura fantástica nos dados de realidade histórica, conferem um olhar distintivo à narrativa. Neste sentido, Lopes aponta que:

A jangada de pedra era certamente uma formulação poética que dava continuidade aos traços da escrita como oralidade, da representação realista aberta ao maravilhoso e do narrador intrometido em períodos repletos de curvas barrocas. (Lopes, 2010, p.110)

O romance histórico de Saramago vai criar novas posições pessoais, temporais e geográficas, que serão assumidas diante do confronto com o desconhecido. Há uma relação explícita entre passado e perspectiva, na construção de uma nova realidade, proporcionando um olhar além do horizonte, que o limite entre o real e o imaginário.

Segundo Valle (2012, p. 7) “Saramago uniu, magistralmente, o discurso ficcional, o histórico e o político; combinando lendas, narrativas locais, contos de fada, registrando o humor irônico [...]”. Nessa perspectiva, existem elementos que vão além dos limites da própria ficção, adicionando ao romance características fantásticas e ilusórias, mas que se ligam diretamente à construção de uma nova identidade, pelo reconhecimento da realidade.

Ainda que opere pela imaginação, a utopia se revela também um espaço de racionalidade, pois se projeta sobre a sociedade. O ser humano que se expressa socialmente constrói uma consciência de si e do mundo. Neste sentido, de acordo com Valle (2012, p. 8), a utopia também se abre como um espaço de crítica, pois ela suscita reflexão, e só ocorre porque existe uma insatisfação sobre a realidade. Sendo o humano por natureza um ser insatisfeito e, por consequência, um ser que busca alternativas para sua adaptação na sociedade, é capaz de implementar mudanças e adequar o contexto a seu favor. Por outro

lado, a utopia é também ambígua, pois gera um processo de tensão entre o imaginário e a razão, o novo e o velho, o medo e o desejo. Dessa forma, as dicotomias passam a coexistir nessas tensões para provocar a construção do novo.

Os múltiplos tempos que constituem a narrativa de José Saramago, permitem perceber a tensão social levada para “A jangada de pedra”. Também muita tensão cultural é observada, já que povos distintos, linguagens distintas, atitudes e sentimentos dissonantes encontram-se em contato.

Verificamos, também, que a narrativa apresenta as principais marcas literárias que revelam a presença do gênero fantástico e do realismo maravilhoso. Para Valle, “Na obra A jangada de pedra, Saramago, afasta-se do modelo aristotélico de ficção voltada para a tradução da realidade, uma vez que apresenta uma realidade repleta de fantasias” (2012, p.3). Outro aspecto em questão é a relação metafórica existente entre a jangada de pedra e a Península Ibérica, levando em consideração o contexto político de Portugal, quando da publicação do romance.

A obra no geral traz uma particularidade ao gênero do realismo maravilhoso. Segundo Amorim, “Saramago renova a narrativa portuguesa e, embora não seja um escritor filiado à literatura fantástica, traz em suas obras alguns traços de cunho indiscutivelmente insólito” (2011, p.113). As primeiras sensações na leitura do romance provocam uma hesitação, pelas situações descritas que rompem com a logicidade a que estamos acostumados. O aspecto natural e sobrenatural da narrativa passam a acontecer no mesmo plano, provocando a coexistência dos temas. Ficamos, então, diante daquilo o que existe e do que não acreditamos que possa existir.

O entremeio temporal também remete às múltiplas histórias do povo português. Mesmo estando a contemporaneidade envolvida no deslocamento da Península e a necessidade de mudança política e econômica gerada a partir das culturas, uma significativa relevância é dada à história de Portugal, mostrando a necessidade do novo, sem a negação de raízes e costumes. De acordo com Amorim:

A contemporaneidade lança-nos a todos nesse mar sem leme, nessa imprecisão que está no da própria vida. Nesse sentido, ao contrário do

mapa geopolítico econômico que configura uma Europa unificada, a península – ao afirmar sua ruptura incontestável - aproxima-nos de nossa descoberta mais cara e mais dolorosa nesse momento: a de que estamos irremediavelmente sós, em nossas viagens, em nossas descobertas. Não há resposta possível. Nem Deus, nem a razão, nem a ciência...Tudo se esvai na fenda irreversível da contemporaneidade. (2011, p.115)

A narrativa nos leva a perceber como a categoria temporal se apresenta na obra contemporânea, observando a maneira como a literatura aborda a história e a recria ficcionalmente:

A ficção combina o imaginário, como distanciamento do real imediato, com o poético que altera, modifica, reorganiza, sob nova perspectiva, as representações da realidade. O nível ficcional do texto, fundado na elaboração poética da linguagem, corresponde a uma variação possível do mundo real. Em vez de demitir o mundo, a ficção o reconfigura. (NUNES, 2003, p. 74)

Observamos que no enredo o tempo assume várias categorias entre o real e o imaginário. A metodologia utilizada nos permitiu observar características particulares do romance, de modo geral, os aspectos temporais ficam evidentes na obra literária. Constatamos que o tempo é um dos elementos essenciais na produção de romances que expressam a necessidade de marcas identitárias.

Desta maneira, o texto narrativo segue uma sucessão de ordem temporal conforme os fatos e que são condicionados pelos personagens, por isso o conceito de tempo é diversificado, quando estamos diante de um romance histórico em segmento contemporâneo.

O mapeamento das esferas temporais ainda para o viés do fantástico, levando-nos a uma marca de realismo que ladeia a possibilidade de um tempo presente que sofre a interferência de elementos fantasiosos. A verossimilhança, no entanto, não é rompida, pois, de acordo com Mendilow (1972, p. 35) “a ficção, como uma arte temática ou de representação, responde de modo muito sensível às pressões da época”, modificando o modo de espelhar e interpretar comportamentos e pensamentos.

Em “A jangada de pedra”, Portugal e Espanha passam a se apresentar como “ilha”, denominação mais próxima do que seria o bloco de terra que se deslocava pelo oceano, característica de isolamento que já pertencia a esses

países de forma simbólica, principalmente a Portugal. As articulações entre o passado e presente, centro e periferia e arcaico e moderno são desenvolvidas ao longo da obra, ligações muitas vezes efetivadas pela figura do narrador cujo papel é de enorme importância.

A participação dos países ibéricos na Comunidade Econômica Europeia gerou discussões. A formação de uma comunidade implica proximidade entre seus associados, o que era difícil de se perceber em relação aos países ibéricos e o resto da Europa. Para Amorim, “O romance de Saramago traz assim, com a viagem da Península, uma resposta possível ao sentimento de ressentimento e fascínio com que pelo menos Portugal sempre olhou para Europa além Pirineus” (2011, p.112).

A história de Portugal e Espanha tem horizontes diferentes dos outros países da Comunidade: a língua, a cultura, a literatura, tudo tem uma particularidade e uma riqueza própria. Ao lembrar a história portuguesa, o farto período do mercantilismo, Saramago quer mostrar o quanto a ligação ibérica é maior com os países latinos e africanos do que com os europeus:

Considerando-se que a península Ibérica termina sua viagem pelo oceano Atlântico em algum lugar entre a costa ocidental da África e América do Sul, podemos inferir que ela se situa como uma nova Atlântida, mas política e culturalmente ligada aos países colonizados por Espanha e Portugal. (AMORIM, 2011, p.112)

Nesse período, Portugal e Espanha desbravavam mares e conquistaram terras em territórios da América Latina e da África, e é nesses lugares que se encontram até hoje vestígios da cultura ibérica. Tal localização sugere que o espaço mais apropriado para Portugal e Espanha não é mais a Europa, da qual, mesmo quando ainda se viam unidos territorialmente a ela pela cordilheira, não faziam parte. Para Lopes:

[...] A obra ficou marcada por interpretações de seus possíveis desígnios político-culturais, sobretudo porque Portugal e Espanha haviam acabado de integrar a então Comunidade Econômica Europeia (CEE), numa atitude que suscitava em vários setores sociais temores de perda de identidade cultural, autonomia política e de opções econômicas próprias. (Lopes, 2010, p.110-111).

É neste ponto que as raízes históricas e socioculturais de Portugal são abordadas, no íterim de uma ficção sobre acontecimentos presentes, relacionando dois contextos em condições espaciais distintas. Traz essas questões sobre Portugal e o contexto europeu, de não aceitação da condição subordinada e, conseqüentemente, aflorando um nacionalismo que difere dos moldes de idealização romântica de sociedade e nação.

A narrativa mostra a divisão da Península Ibérica do restante da Europa, que começa a navegar pelos oceanos de forma aparentemente errante. Assim, percebemos que a narrativa descreve o caos estabelecido na Península a partir da separação, apontando os problemas políticos, a falta de alimentos, os apagões e até as alterações ecológicas. É um prenúncio apocalíptico, dimensionado pelo descaso dos países europeus e pelos movimentos marítimos da “jangada”. De acordo com Lopes:

A situação criada por Saramago dá-lhe um sem-número de oportunidades para, no seu estilo muito pessoal, tecer comentários sobre as grandezas e pequenezas da vida, ironizar sobre as autoridades e os políticos e, talvez muito especialmente, com os atores dos jogos de poder na alta política. O engenho de Saramago está a serviço da sabedoria (Lopes, 2010, p. 197).

Voltemos agora nossos olhares para a análise do tempo em “A jangada de pedra”, a fim de verificar em seus entremeios a ressignificação do contexto sociocultural português e sua valoração identitária.

4 A JANGADA DE PEDRA: O TEMPO ENTREMEADO NA REVALORIZAÇÃO DA CULTURA E DA IDENTIDADE PORTUGUESA

“A jangada de pedra” apresenta seu tempo cronológico entremeado a um tempo psicológico que emana das memórias e lembranças de seus cinco personagens principais: Joanna Carda, Maria Guavaira, José Anaiço, Joaquim Sassa e Pedro Orce, bem como das ações instintivas do Cão Ardent.

O início da história é marcado por acontecimentos mágicos, envolvendo os personagens que se encontram ao longo da trama. Esses ocorridos vinculam-se ao o deslocamento da península, de tal maneira que a narração do contexto histórico se entrelaça com as histórias dos personagens. Sem prévias manifestações, surge uma rachadura na cordilheira dos Pirineus, na fronteira com a França, fato que ocasiona a separação da Península Ibérica do restante da Europa. A ocorrência é incontornável e incapaz de ser explicada pelas vias da ciência: “Não podia a força humana nada a favor duma cordilheira que se abria como uma romã, sem dor aparente, e apenas, quem somos nós para o saber, porque amadurecera e chegara ao seu tempo” (SARAMAGO, 2006, p. 28).

Unidos a esse extraordinário acontecimento e, de algum modo, responsáveis por ele, estão os cinco personagens. Todas essas figuras têm em comum um caso insólito, que faz com que eles se sintam ligados à separação da Península. Joana carda risca o chão com uma vara de negrilho, risco este que não se apaga e, no mesmo momento todos os cachorros da cidade de Cerbére, que eram mudos, desatam a latir; Joaquim Sassa, andando pela praia, lança uma pedra muito pesada ao mar, fazendo com que ela ricocheteasse na água diversas vezes; Pedro Orce põe os pés no chão e passa a sentir uma vibração na terra, como um contínuo terremoto, sem que nenhuma outra pessoa sinta o tremor; José Anaiço começa a ser seguido de repente por um bando de estorninhos; e Maria Guavaira desfaz um pé de meia que nunca tem fim, apesar de já ter a sua casa inundada por um monte de lã azul. O cão, por sua vez, estava na fronteira quando surgiu a primeira rachadura dos Pirineus e, no momento da divisão, optou por ficar na Espanha que já se distanciava, e saltou do lado francês para as terras da península.

Em meio a esses acontecimentos a narrativa gira em torno da ideia de viagem, seja a viagem que a própria península executa “viagem como nunca se viu outra” (SARAMAGO, 2006, p. 106), seja a que os personagens desenvolvem no interior, percorrendo várias regiões de Portugal e da Espanha, numa relação metalinguística. Um dos personagens reflete isso, quando afirma que “[...] nós aqui vamos andando sobre a península, a península navega sobre o mar, o mar roda com a terra a que pertence, e a terra vai rodando sobre si mesma, e, enquanto roda sobre si mesma, roda também à volta do sol” (SARAMAGO, 2006, p.234-235).

Vemos que “A jangada de pedra” também se caracteriza como uma alegoria do período atual de Portugal, sem deixar de dialogar com o passado das navegações e o desbravamento territorial. É por meio da estética alegórica e fantástica que Saramago une esses dois extremos portugueses: de um lado, a separação da muito longínqua Europa, representando a condição periférica de Portugal desse continente; e de outro, o retorno às navegações, como nau que mais uma vez se lança ao desbravamento de mares nunca antes navegados. O momento da total separação da Península é descrita no trecho seguinte:

Então, a península Ibérica moveu-se um pouco mais, um metro, dois metros, a experimentar as forças. [...] Houve depois uma pausa, sentiu-se passar nos ares um grande sopro, como a primeira respiração profunda de quem acorda, e a massa de pedra e terra, coberta de cidades, aldeias, rios, bosques, fábricas, matos bravios, campos a mover-se, barca que se afasta do porto e aponta ao mar outra vez desconhecido. (SARAMAGO, 2006, p.39)

A obra remete à expectativa por um lugar melhor, em que homens, mulheres e a natureza convivam em harmonia e tenham a sensação de pertencimento. Por isso, o ato de deslocamento da Península sugere a construção de uma nova sociedade, em que os costumes, a cultura, a linguagem e as bases políticas sejam preservadas, mas que possa interagir com outras sociedades mais aproximadas, já que este não é o caso da europeia. Sobre essa construção, Lopes aponta que “José Saramago caracterizou o romance como proposta metafórica para a criação de uma área ibero-americano-africana que postulasse uma ponte entre o norte e o sul” (2010, p. 111).

O romance apresenta, em primeira instância, a complexidade da

composição do tempo que é cronológico e histórico, por um lado, e psicológico, em um nível mais subjacente. Verificamos que essa experiência temporal mostra duas histórias encadeadas: a primeira diz respeito à separação da Península Ibérica do restante da Europa; e a segunda constitui as histórias dos personagens, durante a viagem da Península para a costa da África.

Observa-se que o tempo cronológico e histórico, mesmo datado e absoluto, apresenta uma intersecção dissonante com uma decisão política que mudaria os rumos dos países ibéricos. Em 1986, Portugal ingressou na Comunidade Econômica Europeia, atual União Europeia. O sentimento contrário da adesão portuguesa ao conjunto dos países europeus é metaforizado no romance através da viagem inusitada da Península Ibérica pelo oceano Atlântico. Indo de encontro às decisões políticas vigentes na época, mostra-se a península “dando as costas” ao velho continente rumo à crença na utopia e no desconhecido, fixando-se em um ponto estratégico do oceano Atlântico, como se instigando a necessidade de mudança nos moldes europeus de pensar o mundo globalizado, sobretudo em relação a Portugal e os demais países da chamada “periferia europeia” (LOURENÇO, 1994, p. 25-26).

O romance de Saramago mostra a dificuldade de inserção dos países ibéricos aos padrões culturais, sociais e econômicos do restante do continente. Isso está explícito nas discussões entre os personagens, enquanto a Península segue viagem. As questões culturais são decisivas para que os personagens (e o leitor) aceitem o deslocamento da “jangada de pedra”, pois há a linguagem, a religiosidade cristã *versus* o misticismo:

O cão Ardent rondava, inquieto, mas não podia fugir, atraído por aquela serpente de que já não se via nem a cabeça nem a cauda, e subitamente perdido, sem saber de que lado ficar, se em França, onde estava, se em Espanha, já distante três palmos. Mas este cão, graças a Deus, não é dos que se acomodam às situações, a prova é que, de um salto, galgou o abismo, com perdão do evidente exagero vocabular, e achou-se do lado de aquém, preferiu as regiões infernais, nunca saberemos que nostalgias movem a alma de um cão, que sonhos, que tentações. (SARAMAGO, 2006, p. 17-18).

A partir do momento em que a Península se separa do bloco de países europeus e inicia sua “viagem” pelo oceano Atlântico, observamos uma alternância significativa de memórias e lembranças nos personagens e, de suas

mentes emanam longas narrativas de fluxo da consciência, que diferem daquela que já vinha sendo contada. Além disso, observamos a instauração de um tempo futuro expresso pelos ideais utópicos. O deslocamento da Península e seu gradual afastamento mostram a tensão entre o passado e o presente, modelos distintos de refletir a cultura e a sociedade ibérica. Segundo Laraia (2003, p. 67) “A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade”.

Em se tratando de tempo, a narrativa é estabelecida cronologicamente, isto é, uma sequência natural dos dias, semanas, meses. Contudo, algumas vezes pode-se perceber o narrador indo e voltando no tempo. Não é incomum nos depararmos com analepses que voltam ao passado no discurso entre as lembranças das personagens através do *flashback*. Entretanto, o texto é carregado de prolepses que antecipam o futuro através do recurso contínuo na narrativa denominado de *flashforward*, ambos são consideradas categorias que interrompem uma sequência cronológica na narrativa e que constituem o tempo psicológico.

Considerando o *flashback*, o narrador primeiro relata a cena dos três homens debaixo de uma oliveira (Joaquim Sassa, José Anaíço e Pedro Orce) ao ouvir as notícias do rádio sobre o rompimento dos Pirineus. Depois, ele volta no tempo e narra a razão do rompimento e como se deu o encontro desses três homens:

Não foi para ouvirem, de companhia de um rádio de pilhas que, vindos de tão diferentes lugares, aqui se juntam Pedro Orce, Joaquim Sassa e José Anaíço. Sabemos há três minutos que Pedro Orce vive na aldeia que está escondida por trás destes acidentes, sabíamos desde o princípio que Joaquim Sassa veio duma praia do norte de Portugal, e José Anaíço, agora ficamos a saber de ciência certa, pelos campos do Ribatejo andava a passear com estorninhos, e tê-lo-íamos logo sabido se tivéssemos dado atenção suficiente aos pormenores da paisagem. Falta agora saber como se encontram os três e porque estão aqui clandestinos, debaixo duma oliveira, única neste lugar [...] (SARAMAGO, 2006, p. 42).

Esse fato é narrado na página quarenta e dois, e a razão do encontro será explicada nas próximas trinta páginas, fazendo-se um recuo no tempo para

que essa narração explicativa se dê. Somente na página setenta e um é que o narrador volta à cena da oliveira, em que os três personagens supracitados estão sentados e ouvindo rádio. Contudo, como dito, e que pode ser percebido ao longo do romance, o narrador faz constantes antecipações de fatos, ou seja, prolepses contínuas, como se pode ver no seguinte trecho: “Amanhã, quando Joaquim Sassa acordar, pensará que aqueles dois tiveram a paciência de esperar, sabe Deus com que custo, se Deus sabe destas sublimações da carne” (SARAMAGO, 2006, p. 151).

Aparentemente, o narrador conta a história em sequência cronológica, mas o discurso subjacente aos acontecimentos não corrobora com essa sequência. Parece haver, na suposta dissonância entre os personagens, outras histórias entrelaçadas e acontecimentos paralelos, que tentam impulsionar uma simultaneidade de ações à narrativa. Na leitura analítica do romance, desenvolvemos algumas reflexões acerca da posição que o narrador ocupa frente às questões histórico-políticas da época e principalmente a organização temporal que altera a sequência natural dos fatos retratados ficcionalmente e historicamente na narrativa.

A pesquisa mostra um narrador que assume diferentes posições, às vezes como observador, outras como personagem, segundo as ações contínuas independentemente do discurso dos cinco personagens do romance. Na construção do enredo, o narrador tem a intenção principal de apontar os problemas sociais, políticos e culturais que ameaçavam a sua época, na tentativa de encaminhar fatos significativos e de possível reflexão.

A imprecisão de certezas, que mais tarde dará lugar ao fantástico como um indicativo de perspectiva do futuro, toma corpo através de características específicas da linguagem de Saramago. Boa parte dos sinais de pontuação é abolida ou exagera-se em vírgulas, pausas curtas no período, adotando o discurso indireto livre:

Veio, bateu à porta, deu o recado, que, não se sabe porquê, não foi transmitido pelo telefone, talvez a vida goste de cultivar, uma vez por outra, o sentido do dramático, se o telefone toca pensamos, Que será, se à porta nos batem pensamos, Quem será, e damos ao pensamento voz perguntando, Quem é (SARAMAGO, 2006, p. 102).

Por outro lado, embora o narrador dificilmente se encaixe dentro das definições, em alguns momentos não influencia, para dar lugar a um profundo lirismo e possibilitar ao leitor a construção de sentido ao desfecho do romance. É ímpar, sempre irônico, poético e filosófico, pois quando se pensa estar diante de um narrador onisciente, depara-se com alguém que não sabe ainda de fatos que irão se passar, ou de algumas características dos personagens.

Estão no quintal por trás da casa José Anaíço, sentado no poial da porta, Joaquim Sassa numa cadeira por ser a visita, e estando José Anaíço de costas para a cozinha, donde a luz vem, continuamos sem saber que feições são as suas, parece que esse homem se esconde, e não é tal, quantas vezes aconteceu mostrarmo-nos como quem somos, e não valeu a pena, não estava ninguém lá para ver. (SARAMAGO, 2006, p. 53)

Outro ponto interessante a ressaltar é o de o narrador se colocar como personagem do romance, limitando seu olhar a um acontecimento dentro da narrativa e deixando o leitor em dúvida.

Dez minutos depois o cão aparecia-lhes pela frente do carro, com o pêlo ainda molhado. Pedro Orce tivera razão, e nós, se não tivéssemos duvidado um pouco, teríamos ficado na margem do rio a assistir à corajosa travessia, que com tanto gosto haveríamos de descrever, em vez duma banal passagem de fronteiras com guardas só diferentes nas fardetas, Siga, Passe, a isto se resumiu o episódio, mesmo o lampejo de curiosidade não passou de invenção pobre para estofar a matéria. (SARAMAGO, 2006, p. 157-158).

Além disso, a forte caracterização de pequenas situações e ambientes, relacionadas a filosofia da vida e à reflexão, mostra o poder desse narrador “perdido” nos tempos múltiplos da narrativa, como no trecho abaixo:

Quando regressaram, o acampamento parecia um lar, a fogueira confortava-se entre as pedras, o candeeiro pendurado da galera fazia para o espaço desafogado meia roda de luz, e o cheiro da fervedura era como a presença de Deus Nosso Senhor (SARAMAGO, 2006, p. 230).

Essa forma própria de narrar, também está presente no romance, mostrando a importância da língua e o poder que ela possui, na caracterização e identificação de um povo. Também a habilidade de usar bem a escrita para

colocar lado a lado dois tempos opostos, ou seja, duas histórias importantes e de igual valor.

Dificilimo acto é o de escrever, responsabilidade das maiores, basta pensar no extenuante trabalho que será dispor por ordem temporal os acontecimentos, primeiro este, depois aquele, ou, se tal mais convém às necessidades do efeito, o sucesso de hoje posto antes do episódio de ontem, e outras não menos arriscadas acrobacias, o passado como se tivesse sido agora, o presente como um contínuo sem princípio nem fim, mas, por muito que se esforcem os autores, uma habilidade não podem cometer, pôr por escrito, no mesmo tempo, dois casos no mesmo tempo acontecidos. (SARAMAGO, 2006, p. 11)

Em se tratando de personagens, nota-se que todas são planas, e não apresentam modificações de caráter ou de atitudes muito drásticas dentro da obra. Com relação a construção das personagens planas, Candido (2014, p.62) explica que “Na sua forma mais pura, são construídas em torno de uma única ideia ou qualidade.”

A única passagem que pode levar a outra interpretação é a que Joaquim Sassa e José Anaiço descobrem que Pedro Orce teve relação sexual com suas mulheres. Este passa a ficar cada vez menos com o grupo, andando sempre na companhia do Cão Ardent. Aqueles passam a se dirigir rispidamente a Pedro Orce em razão do acontecido. Porém, nota-se que há reaproximação pouco antes da morte de Pedro Orce, mostrando que mesmo com os problemas dentro do grupo não remete a grandes alterações de caráter.

Que é isso, amigos, eu ainda não estou inválido, não reparou que a palavra amigos subitamente encheu de lágrimas os olhos dos dois, estes homens que guardam dentro do peito a dor duma desconfiança, mas que recebem nos braços o corpo cansado, que se lhes entrega, apesar da orgulhosa declaração, há sempre uma hora em que o orgulho tem mais que palavras, não é mais que palavras. (SARAMAGO, 2006, p. 287).

Ademais, vemos que as personagens enfatizam a identidade nacional, que corre o risco de se perder nos tempos de União Europeia. Portugal e Espanha, vizinhos no território, semi-irmãos na língua, são considerados hoje uma parte relativamente complexa da Europa. De acordo com Laraia (2003, p. 73) “O etnocentrismo, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que a

própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão”.

A questão da identidade é realmente muito forte na obra. É importante considerar que a identificação do sujeito não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida dependendo da forma como esse sujeito é interpretado ou representado. Para Stuart Hall (2015, p. 17) “A ideia de que as identidades eram plenamente unificadas e coerentes e que agora se tornaram totalmente deslocadas é uma forma altamente simplista de contar a história do sujeito moderno”, e complementa afirmando que:

É agora um lugar-comum dizer que a época moderna fez surgir uma forma nova e decisiva de individualismo, no centro da qual erigiu-se uma nova concepção do sujeito individual e sua identidade. Isso não significa que nos tempos pré-modernos as pessoas não eram indivíduos, mas que a individualidade era tanto “vívida” quanto “conceitualizada” de forma diferente. As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Antes se acreditava que essas eram divinamente estabelecidas; não estavam sujeitas, portanto, a mudanças fundamentais. (HALL, 2015, p. 17 -18)

A ideia de nação é ampliada na relação com a Península, um índice libertário na obra. Portugueses e espanhóis passam a sofrer das mesmas dores, a ter o mesmo destino, as mesmas esperanças. São praticamente o mesmo povo naquele momento, juntos em sua jornada a lugares desconhecidos.

A ideia de Península é tão forte que já não se percebem as fronteiras de antes: “O tempo é de férias, pode ir e voltar sem ter de pedir licença, agora nem o passaporte exigem na fronteira, mostra-se simplesmente o bilhete de identidade e é nossa a península” (SARAMAGO, 2006, p. 42).

Esse rompimento metafórico, de fato, representa um amadurecimento, o qual só pode vir com o verdadeiro rompimento ideológico, a necessidade de mudança, de atitudes e de comportamento, fortemente direcionadas pelas mudanças no tempo. A obra, além de criticar o conformismo e a alienação do restante da Europa, também mostra a questão da península ter sempre estado à margem, não apenas geográfica, como politicamente, uma vez que os demais países a viam como “incompreensíveis povos ocidentais” (SARAMAGO, 2006, p. 139).

A questão que se coloca está ligada ao sentimento de não pertencimento

da Península ao restante da Europa. É da consciência da condição periférica de Portugal em relação aos outros países europeus que emana a vontade de uma reordenação e o reconhecimento de que essa reordenação deve começar interiormente.

Em diversos momentos da narrativa, há a constatação de que a separação do continente Europeu já havia se efetivado há muito tempo, e o que agora se estabelecia era uma reorganização geográfica.

Os europeus, desde os máximos governantes aos cidadãos comuns, depressa se tinham acostumado, suspeita-se que com o inexpresso sentimento de alívio, à falta das terras extremas ocidentais, e se os novos mapas, rapidamente postos em circulação cultural do popular, ainda causavam à vista um certo desconforto, seria tão somente por motivos de ordem estética [...]. Com a continuação dos séculos, se eles continuarem, a Europa nem se lembrará mais do tempo em que foi grande e se metia pelo mar dentro [...] (SARAMAGO, 2006, p. 138).

Outro ponto relevante, ao analisar “A jangada de pedra”, é o fato de Portugal e Espanha terem se desprendido da Europa juntos. Essa seria uma proposta de incentivo para que ambos unam forças, já que são tão próximos geograficamente e entendidos como diferentes em relação ao restante da Europa. Entretanto, a história desses países é marcada por alguns conflitos que provavelmente interfiram na “nova” configuração geográfica e territorial proposta, como vemos no trecho a seguir:

E sabe-se, ou julga-se saber, que entre certos meios políticos portugueses circula um movimento tendente a um entendimento bilateral, embora de caráter não oficial, com a região da Galiza, o que, evidentemente, não irá agradar nada ao poder central espanhol, pouco disposto a tolerar irridências, por muitos disfarçadas que se apresentem, havendo mesmo quem diga, com acerba ironia, e tenha posto a correr, que nada disto teria acontecido se Portugal fosse do lado dos Pirineus, e, melhor ainda, se ficasse agarrado a eles ao dar-se a ruptura, seria a maneira de acabar, de uma vez para sempre, pela redução a um só país, com esta dificuldade de ser ibérico, mas aí se enganam os espanhóis, que a dificuldade subsistiria, e mais não diremos (SARAMAGO, 2006, p 248).

Desse modo, o enredo, a escolha do título, a pontuação irregular, as repetições, as explicações excessivas, as alusões, os cortes e a retomada de ideias, citações, metáforas, conduzem os personagens e o leitor, ao descobrimento de um novo mundo. Esse mundo, um microcosmo em forma de jangada, é o ponto de partida para uma aventura que conduzirá ao conhecimento do eu e do outro. O desequilíbrio inicial provoca a ação, rompendo a aparente estabilidade. Nesse sentido, a obra se apresenta como utópica, uma vez que a utopia alimenta nossas ações, pois, enquanto seres incompletos e insatisfeitos, aspiramos à unidade.

A epígrafe da edição de 2006 do livro mostra a forte relação que o tempo apresenta: “Todo futuro és fabuloso”. De fato, o futuro é obscuro e incerto, condicionado essencialmente pelas ações dos cinco personagens principais. Assim, o questionamento que esse condicionamento levanta é: qual é a relevância dos efeitos do tempo na concretização das mudanças necessárias aos personagens, enquanto representantes da cultura e da sociedade da Península Ibérica, sobretudo portuguesa?

A resposta a esse questionamento encontra-se presente na estrutura de ficção fantástica e manutenção da verossimilhança que possibilitam o desencadeamento das ações dos personagens durante o enredo. A análise conjunta das personagens mostra uma humanização do tempo, relacionando-os deste o processo de rompimento histórico em Portugal, passando pela “viagem” da Península que simboliza a construção de uma nova identidade, até a chegada à costa desconhecida, para o recomeço. A jangada, como representação de algo que foi retirado do indivíduo, sugere o próprio ser partido e desejante. O processo de afastamento cria vazios e ao mesmo tempo possibilita a criação de estratégias de aproximação dos indivíduos com aquilo que lhes falta ou que falta à própria Península.

Na ficção Saramaguiana, a viagem da península se apresenta como uma resposta a esse sentimento de desigualdade. Ao desprender-se do velho continente, a península busca sua singularidade identitária e liberta-se desse lugar de marginalidade em relação ao continente europeu, alinhando-se por vontade própria aos países da periferia do capitalismo. (AMORIM, 2011, p.112).

O romance finda com a indicação de possíveis mudanças, suscitadas na passagem: “A vara de negrilho está verde, talvez floresça no ano que vem” (Saramago, 2006, p.291). A vara surge então como um indicador de lutas e tentativas, pois aparece como uma das responsáveis no rompimento da Península e como indicador de um futuro promissor.

O futuro é também expresso na gravidez coletiva das mulheres da Península, quando esta finalmente se fixa entre as Américas e África. É metáfora para a construção de um novo povo, pertencente a um novo espaço territorial e, porventura, identitário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término de nossa análise, consideramos relevante a significação que as esferas temporais de “A jangada de pedra” possuem e trazem para a literatura um ambiente narrativo diferenciado. Explicitamos os entremeios da categoria em consonância com o narrador, os personagens e a construção temática, bem como sua implicação no alcance da identidade ibérica.

Observamos o diálogo ficcional entre a resistência dos países iberos e a concepção do restante da Europa, em relação à unificação de culturas, linguagens, moedas e políticas. Os narradores de Saramago constroem uma narrativa fragmentada, na qual passado e presente se unem a fim de explicitar as tensões que culminaram no afastamento da Península e de um povo em busca de uma nova e edificada identidade.

As reflexões filosóficas, banhadas ao sabor da ironia, proporcionam riqueza de detalhes ao texto e envolvem o tempo num diálogo com a literatura fantástica e o contexto político e sociocultural, pontos muito fortes dentro da obra.

Portanto, o romance revela, por vieses irônicos e fantásticos, a postura crítica do próprio Saramago sobre o descaso europeu frente às nações ibéricas. Assim, percebemos a insatisfação de Portugal e Espanha terem se integrado a Comunidade Econômica Europeia (CEE), numa atitude que provocou problemas nos setores sociais, como a perda de identidade cultural, da autonomia política e de uma economia e moeda próprias.

Tendo como alicerce a relação paradoxal entre o passado de pioneirismo e conquistas e o presente decadente e enfraquecido da nação portuguesa em decorrência da unificação, “A jangada de pedra” foca no futuro, mostrando como a obra literária é capaz de indicar caminhos de maior ventura e sugerir destinos, tornando-se uma forte representação do povo e seus anseios, em vieses artísticos.

Com isso, e em concordância com Antonio Candido (2014), concluímos que o tempo não se apresenta apenas como um fenômeno estrutural; ele confere um valor crítico-analítico, condicionador da construção das unidades temáticas que norteiam e particularizam a obra literária da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Claudia. Nas fissuras da península e do sujeito: A Jangada de Pedra, de José Saramago. In: **IPOTESI**, Juiz de Fora, v.15, n.1, p. 111-118, jan/jun 2011.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

GANCHO. Candida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

LARAIA, Roque de B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LOPES, João Marques. **Saramago-Biografia**. São Paulo : Leya, 2010.

LOURENÇO, Eduardo. Nós e a Europa: ressentimento e fascínio. In: _____. **Nós e a Europa ou as duas razões**. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1994.

MENDILOW, A. A. **O tempo e o romance**. Trad. Flávio Wolf. Porto Alegre

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 2003.

_____. Tempo. In: JOBIM, José Luís (Org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**: a configuração do tempo na narrativa de ficção. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Tempo e narrativa**: a intriga e a narrativa histórica. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SARAMAGO, José. **A jangada de pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

VALLE, Laura Regina Dos Santos Dela. A viagem do narrador em A jangada de pedra, de José Saramago. In: **Nau literária**: Crítica e teoria de literaturas. seer.ufrgs.br/nauliterária. ISSN 1981-4526. PPG-LET-UFRGS. Porto alegre. Vol.08 n.02. jul/dez 2012. Dossiê: Literatura portuguesa-séculos XIX-XXI.